

## UM ESCRITOR NA PRISÃO

CLAIRE BRAZ- VALENTINE

Fui convidada a ministrar uma oficina literária na prisão estadual de Susanville, perto das montanhas de Sierra Nevada, no norte da Califórnia.

Os homens que cumprem pena foram, em sua maioria, condenados por problemas com drogas. Estão alojados em grandes dormitórios com beliches. Não têm qualquer privacidade, nenhum lugar para estarem sozinhos, nenhum lugar para pensar tranquilamente. Eu sempre ficava apreensiva ao entrar em penitenciárias. Já fizera esse tipo de oficina em muitas prisões da Califórnia, mas que tinham celas. Em celas, mesmo se divididas com outro preso, pode-se encontrar um pouquinho de tempo para escrever. Com certeza esses homens em Susanville não iam se interessar pelo que eu tinha para oferecer.

Decidira passar os dois dias de curso dando um seminário sobre monólogos. Queria que aqueles homens tivessem a chance de escrever e então representar ante uma câmera. Queria que se vissem em vídeo antes que eu fosse embora no fim do segundo dia. Sentia que a vida na prisão provavelmente tirara deles a maior parte da identidade e que escrever e representar podia restaurar um pouco de quem foram ou de quem poderiam ser.

Fiquei satisfeita porque vinte presos se matricularam. Era o número máximo que eu dissera que poderia aceitar. Passei a primeira hora com eles falando sobre como era ser um escritor. Dizendo que há alegria e liberdade nas palavras. Que não interessava o quanto eram obrigados a ser como os outros, a se vestir como os outros, comer a mesma comida, ter o mesmo horário, pois, na escrita, poderiam finalmente ser diferentes - o quanto quisessem. Escrever pode ser a mais libertadora de todas as artes. Você pode ser livre através da palavra. Não há limites. Disse-lhes que todas as vezes que pegava um lápis ou me sentava diante do computador ou da máquina de escrever era como se voltasse para casa, para a casa da minha arte, das minhas palavras. Esse era um mundo que ninguém poderia me tirar. Essa arte me sustentaria através de todos os meus dias.

Os homens prestavam atenção e, quando eu finalmente disse que começassem seus projetos de texto, eles se esforçaram.

Menos um deles. O jovem relutara em participar naquele primeiro dia, quando pedi que escrevessem seus monólogos. Todos os outros liam, reescreviam, liam novamente, mas ele ficou ali quieto, apagando, escrevendo, rasgando rascunhos, recomeçando. Sempre que me aproximava de sua mesa, ele, envergonhado, cobria a folha com os braços.

- Posso ver? - pedi.

- Prefiro que a senhora não veja - respondeu com um sorriso tímido.

Pensei, "que pena". Mesmo que não estivesse participando como os outros, estava escrevendo. Escolheu passar o dia todo nessa sala quente e sufocante trabalhando em alguma coisa chamada monólogo. Naquela manhã, provavelmente, ele sequer conhecia o significado daquela palavra. Isso devia

me deixar feliz. Mas não deixou. Estava preocupada com a necessidade de ele ter alguma privacidade, com sua inabilidade de partilhar, sabendo que ele estava pensando que seu texto não era suficientemente bom.

Eu já trabalhava em prisões há muitos anos para ser enganada por sua timidez. Sabia que muitos dos internos tinham aprendido, desde muito pequenos, que não conseguiam fazer nada direito. Tinham sofrido abusos e tormentos quando crianças e não tinham qualquer autoconfiança. Mas não importava o quanto eu elogiasse os outros internos, ele não cederia.

Voltou para o dormitório naquela noite com seu texto enfiado no bolso da calça. Muitos tinham deixado os trabalhos sobre as mesas. Mas não ele. Não se arriscou a deixar que eu lesse depois que ele estivesse atrás das grades. Tinha razão, é claro. Eu teria ido direto à sua mesa no minuto em que ele saísse pela porta. O rapaz tinha feito o julgamento certo de mim.

No segundo dia, todos os homens voltaram à sala. Aquilo me deixou especialmente satisfeita. O rapaz voltou também.

Nesse dia haveria a leitura e a gravação. Imaginei como o aluno silencioso e tímido enfrentaria isso. Estava realmente surpresa de vê-lo ali. Penteara o cabelo louro e comprido, a blusa estava bem passada. Naturalmente pensara que seria filmado e queria estar bem. Finalmente eu ia ouvir o que tinha escrito.

Ele não falou muito durante as atuações. Eu dera apenas algumas instruções, mas dissera que queria ouvir seus personagens me dizendo o que realmente sentiam, o que é que ninguém compreendia a respeito deles e por que precisavam falar. O rapaz louro ficou sentado quieto, observando os demais apresentarem os trabalhos. Um dos homens escrevera um monólogo para Deus, um outro decidira interpretar Abraham Lincoln, o outro, Martin Luther King, Jr. Alguns dos monólogos eram engraçados, outros sérios. Mesmo sem terem tido tempo para decorar os textos, quando começavam a ler, mal se viam os papéis em suas mãos. Eu estava profundamente emocionada com o resultado.

Finalmente, ele era o único que não tinha lido o monólogo.

Quando todos já tinham terminado, perguntei:

- Está pronto, agora?

- Acho que não - ele respondeu com uma voz delicada.

Então os outros começaram a cobrar.

- Cara, se eu pude fazer, você pode também. Vamos lá, tente. Você vai gostar. Vamos, cara, não seja tímido. Ninguém vai julgar você aqui.

Então ele se levantou e ficou em frente à câmera. Parecia tão jovem. Os papéis em sua mão tremiam como pássaros assustados, mas ele começou seu monólogo com determinação: "Meu nome é Bruce. Tenho vinte e um anos e estou morto. Estou morto porque fui preso por causa de drogas. Nunca liguei para nada nesta vida. Nem para mim mesmo. Só me importava em conseguir a próxima dose. Eu mataria por mais uma dose. Com certeza, mataria por mais uma dose." Ele continuou a falar de sua vida, como crescera em meio à pobreza, com pais alcoólatras, sofrendo maus-tratos e fome, sem ter uma vida própria, passando de um lar adotivo para outro. Enquanto lia,

mostrava cicatrizes no corpo, marcas de queimaduras nos braços, onde seu pai embriagado apagava cigarros, os cortes nos punhos causados por uma tentativa de acabar com a vida. Não pude evitar. Fiquei com os olhos cheios d' água. Meu Deus, por que eu pedira para ele dividir essa dor terrível? Então o rapaz chegou ao fim da história.

"Embora eu tenha morrido na prisão, tenho uma coisa para lhes dizer. Eu acabo de renascer. Voltei a me levantar, como na Bíblia. Um dia uma mulher veio e me disse para escrever. Eu jamais tinha escrito antes, mas escrevi assim mesmo. Fiquei por oito horas numa cadeira e me concentrei como nunca tinha me concentrado na vida. Antes, eu sequer conseguia ficar parado!

Escrevi sobre o horror que foi a minha vida até agora e finalmente consegui sentir alguma coisa. Sentir pena. De mim mesmo. E eu senti mais uma coisa. Senti alegria. Eu estava escrevendo e o que eu estava escrevendo era bom. Eu era um escritor! E ia me levantar ante todos aqueles homens na sala e ia dizer isso..." Ao proferir essas palavras, ele levantou o pequeno manuscrito no ar. "Isso é mais importante para mim que qualquer droga. O que eu queria dizer é que morri como um viciado em drogas e renasci como um escritor."

Todos ficamos sentados ali, impressionados. A câmera continuou a filmar. Ele fez uma pequena mesura e disse "Obrigado", mais uma vez, com sua voz calma. Os outros aplaudiram fortemente. Ele andou até onde eu estava e apertou minhas mãos. Aos presos não é permitido tocar os professores, mas não contestei.

- A senhora me proporcionou uma coisa que nenhuma droga jamais proporcionou. O respeito por mim mesmo - ele disse.

Penso nele com frequência. Rezo para que tenha continuado a ter respeito por si mesmo através da palavra escrita. Sei, no entanto, que naquele dia, naquela sala, com aqueles homens, nasceu um escritor. Depois de uma longa e terrível viagem, uma alma perdida voltara para casa, a casa das palavras.